Dossiê

Economia neoliberal, saúde planetária e a pandemia de Covid-19: uma análise marxista ecofeminista*

Simon Mair**

Resumo:
A saúde planetária vê o capitalismo neoliberal como um mediador-chave nas crises socioecológicas, uma posição que é reverberada em muitos dos comentários sobre a Covid-19. Nessa Visão Pessoal, estabeleço uma teoria econômica que enfatiza alguns dos modos como a conceituação do capitalismo neoliberal sobre valor tem informado respostas à Covid-19. Por meio da intersecção das teorias econômicas ecológica, feminista e marxista, desenvolvo uma análise do capitalismo neoliberal como uma forma histórica específica de economia. Identifico a acumulação de valor de troca como uma tendência central do capitalismo neoliberal e argumento que esta tendência cria barreiras para a produção de outras formas de valor. Então analiso as implicações dessa tendência no contexto das respostas à Covid-19. Argumento que recursos e trabalho fluem para a produção de valor de troca, em detrimento de outras formas de valor. Consequentemente, a economia global capitalista tem uma capacidade produtiva sem precedentes mas utiliza pouco desta capacidade para criar condições que melhorem e mantenham a saúde das pessoas. Para sermos mais resilientes a outras crises vindouras, acadêmicos e acadêmicas, agentes de políticas públicas e ativistas deveriam se engajar em trabalhos teóricos que possibilitassem à economia global reconhecer as múltiplas formas de valor e trabalho político que as incorpore nas instituições sociais.
Palavras-chave: Economia neoliberal; saúde planetária; marxismo; ecofeminismo; Covid-19.

Neoliberal economics, planetary health, and the Covid-19 pandemic: a Marxist ecofeminist analysis

Abstract:
Planetary health sees neoliberal capitalism as a key mediator of socioecological crises, a position that is echoed in much Covid-19 commentary. In this Personal View, I set out an economic theory that emphasizes some of the ways in which neoliberal capitalism's

---

* Artigo publicado originalmente em inglês pela revista *The Lancet,* vol. 04, n. 12, 2020, sob o título "Neoliberal economics, planetary health, and the COVID-19 pandemic: a Marxist ecofeminist analysis". *Lutas Sociais* agradece ao autor por autorizar publicá-lo. O trabalho recebeu o apoio do *Economic and Social Research Council,* financiado pelo *Centre for the Understanding of Sustainable Prosperity* (ES/M010163/1). Tradução de Silvia Pereira de Castro Casa Nova. Revisão de Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida.
** Doutor em Economia Ecológica. Professor da Universidade de Surrey (GBR). Guilford, Surrey, Inglaterra. End. Eletrônico: s.mair@surrey.ac.uk
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5143-8668

 • Recebido em 30 de novembro de 2020. Aprovado em 12 de dezembro de 2020.

conceptualization of value has mediated responses to Covid-19. Using the intersection of ecological, feminist, and Marxist economics, I develop an analysis of neoliberal capitalism as a specific historical form of the economy. I identify the accumulation of exchange value as a central tendency of neoliberal capitalism and argue that this tendency creates barriers to the production of other forms of value. I then analyze the implications of this tendency in the context of responses to Covid-19. I argue that resources and labor flow to the production of exchange value, at the expense of production of other value forms. Consequently, the global capitalist economy has unprecedented productive capacity but uses little of this capacity to create the conditions that improve and maintain people's health. To be more resilient to coming crises, academics, policy makers, and activists should do theoretical work that enables global economies to recognize multiple forms of value and political work that embeds these theories in societal institutions.
Keywords: Neoliberal economics; planetary health; Marxism; Ecofeminism; Covid-19.

Introdução

A saúde planetária percebe a saúde humana a partir de uma perspectiva de múltiplos sistemas interconectados. Essa perspectiva implica focar nas formas em que as atividades humanas têm perturbado os sistemas naturais e que os sistemas humanos afetam as respostas às crises. Por exemplo, em seu manifesto pela saúde planetária, Horton e colegas argumentam que o capitalismo neoliberal aprofunda muitas das crises atuais enfrentadas pelas comunidades ao redor do mundo (Horton et al., 2014). Da mesma forma, Gill e Benatar argumentam que a saúde planetária requer trilhas para "irmos além da lógica destrutiva da civilização de mercado" (Gill; Benatar, 2020, p. 167). Muitos comentários enquadram a Covid-19 de maneira semelhante (Mair, 2020; Horton, 2020; Laskaridis, 2020).

Diversos comentaristas têm argumentado que os mecanismos centrais do capitalismo neoliberal atuam como barreiras para a efetiva ação contra a Covid-19. Por exemplo, Naidoo (2020) argumenta que o capital privado não tem capacidade para responder de maneira suficientemente rápida às circunstâncias instáveis que são apresentadas pela pandemia. Para Steinberger (2020), o foco no produto interno bruto desviou a atenção dos formuladores de políticas públicas e os governos para longe do desenvolvimento das economias focadas em saúde que poderiam ter sido mais resilientes à pandemia do que as economias atuais. Similarmente, Fouskas e Gokay (2020) argumentaram que o capitalismo neoliberal pressionou pela privatização dos sistemas de saúde pública, em muitos casos deixando-os subfinanciados e mal preparados.

Comentaristas também tem proposto novas medidas econômicas que ecoam ou derivam diretamente dos princípios de saúde planetária. Gough (2020) argumentou que uma nova abordagem é necessária para valorizar o trabalho. Alves e Sial (2020) propuseram que esforços para enfrentar a Covid-19 seriam mais efetivos se desigualdades pré-existentes fossem enfrentadas. Utilizando explicitamente o conceito de saúde planetária, Oni (2020) argumentou que é necessária uma transformação geral da sociedade. Um processo desses envolve

pessoas de muitas diferentes comunidades fazendo "o lento trabalho de reformulação dos fundamentos da sociedade" (Oni, 2020).

O objetivo desta Visão Pessoal é delinear um referencial teórico que esclareça como algumas das tendências gerais do capitalismo neoliberal têm afetado as respostas à Covid-19. Ao fazer isso, espero apontar para um conjunto de ferramentas conceituais que possam ser utilizadas para fortalecer o arcabouço da saúde planetária. Primeiro desenvolvo uma análise da economia com base nos princípios da economia ecológica, feministas e marxista. Ao recorrer a essa análise, defendo que o capitalismo neoliberal tem uma capacidade produtiva enorme, mas a utiliza principalmente para produzir valor de troca (ou seja, monetário). Consequentemente, o capitalismo neoliberal cria barreiras para a produção de valor para a saúde e, dessa forma, tem deixado muitas sociedades mal preparadas para a pandemia de Covid-19. Finalmente, sugiro a direção e a forma de uma reconstrução econômica.

Um referencial de economia marxista ecofeminista

Aqui, introduzo conceitos-chave das perspectivas ecológica, feminista e marxista da economia. Recorro à intersecção dessas ideias para desenvolver uma análise da ideia abstrata de economia e uma análise específica do capitalismo neoliberal.

Mensagens-chave

- A economia é o sistema pelo qual uma sociedade obtém recursos e os usa para produzir e distribuir bens e serviços.
- O capitalismo neoliberal é uma estruturação particular da economia que prioriza o valor de troca acima de outros tipos de valor.
- A priorização do valor de troca levou o capitalismo neoliberal a desenvolver uma capacidade produtiva sem precedentes.
- O capitalismo neoliberal usa principalmente sua capacidade produtiva para produzir mais valor de troca. Esse processo prejudica outras formas de valor, incluindo a saúde.
- Respostas eficazes ao COVID-19 priorizam a saúde e a vida e minam o valor de troca. Para estar melhor preparada para futuras pandemias e outras crises, a sociedade global deve construir economias que possam reconhecer múltiplas formas de valor.
- Para estar melhor preparada para futuras pandemias e outras crises, a sociedade global deve construir economias que possam reconhecer múltiplas formas de valor.

A economia como um sistema de provisionamento

Nas escolas feminista e ecológica de pensamento econômico, a economia pode ser conceituada como um sistema que a sociedade utiliza para obter recursos e distribuir bens e serviços (Power, 2004; Brand-Correa; Steinberger, 2017). Há várias maneiras que podem ser escolhidas para organizar esse processo de provisionamento. A representação de Raworth (2017) do modelo embutido de economia enfatiza essas opções (Figura 1).

O modelo de Raworth começa com o sistema Terra. Neste sistema está a sociedade, e, embutida na sociedade e no ambiente, está a economia. Dessa forma, a economia é conceituada como um sistema aberto, dependente e moldado por fatores ambientais e sociais (Daly, 1993; Georgescu-Roegen, 1971). A economia, por sua vez, é dividida em quatro diferentes sistemas de provisionamento: o mercado, o estado, os agregados familiares e os bens comuns. Esses sistemas são todos modos diferentes de obter, usar, e distribuir os recursos da Terra.

Todas as quatro formas econômicas (mercado, estado, agregados familiares e bens comuns) existem dentre de um dado sistema econômico e todos são interdependentes. Entretanto, dentro de qualquer sistema econômico específico, os equilíbrios de poder entre os quatro mecanismos de provisionamento variam. Na economia moderna, o equilíbrio de poder entre os mecanismos de provisão reflete o capitalismo neoliberal.

As características do capitalismo neoliberal

O capitalismo neoliberal tem uma hierarquia de sistemas de provisionamento. Antes do capitalismo, mercados existiam, mas eles eram essenciais para a aquisição dos bens básicos para a vida da maioria das pessoas (Wood, 2002). O acesso aos alimentos e ao abrigo nas sociedades pré-capitalistas foi principalmente mediado pelo acesso direto à terra. Esta terra poderia ser mantida em comum ou propriedade privada do agragado familiar (Wood, 2002; Federici, 2014).

Sob o capitalismo, as pessoas foram desconectadas do acesso direto aos meios de produção e são ao invés disso forçadas a participar das atividades do mercado para sobreviver.

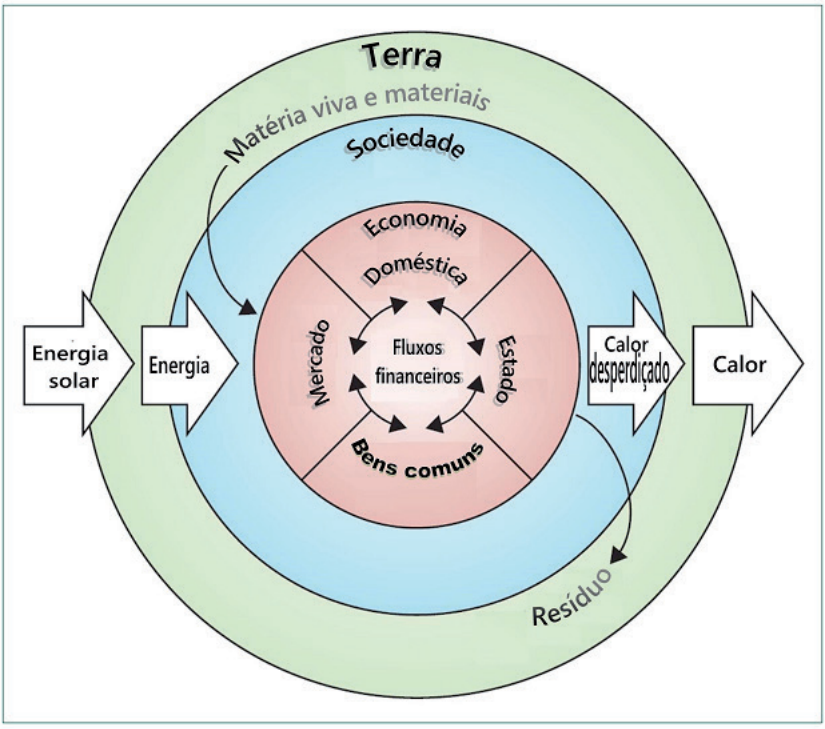

Figura 1 O modelo de economia embutida
Reproduzido do diagrama por Marcia Mihotich em Raworth, K. (2017).

Logo abaixo do mercado está o estado, cujo papel principal é criar, manter e expandir os mercados. A interação entre o estado e o mercado sob o neoliberalismo é demonstrada pelos desenvolvimentos na educação superior no Reino Unido e na política climática internacional. Nas décadas passadas, sucessivos governos no Reino Unido decretaram reformas orientadas ao mercado na educação superior (Lindsay; Rodgers, 1998). Um exemplo notável é a introdução e aumento de mensalidades. As mensalidades colocam muito do custo da universidade nos estudantes, que então se tornam consumidores. Em 2017, 85% dos investimentos iniciais recebidos pelas universidades no Reino Unido vieram das mensalidades e, portanto, era esperado que as universidades competissem pelos estudantes em termos de preço e qualidade (Cf. UK National Audit Office, 2017). No caso dos mercados globais de carbono, os estados usam seus poderes legais para tornar escassa a capacidade de emitir gases estufa e depois fornecer uma estrutura dentro da qual as empresas possam competir por esse novo recurso escasso (Stuart; Gunderson; Petersen, 2019). A intenção é conceder o direito

de poluir àqueles que mais o valorizam e incentivar as empresas a inovar longe das tecnologias emissoras de carbono.

Abaixo de ambos, do mercado e do estado, estão os agregados familiares e os bens comuns. Essas instituições são ignoradas pelo capitalismo neoliberal quase inteiramente e, dessa forma, tornam-se sem valor (Saunders; Dalziel, 2017; Dengler; Strunk, 2017). Um exemplo útil e moderno de como a hierarquia de provisionamento do capitalismo neoliberal exclui os agregados familiares e os bens comuns está no conjunto que princípios contábeis que são usados pelos governos em todo o mundo: o Sistema de Contas Nacionais das Nações Unidas.

O Sistema de Contas Nacionais da ONU explicitamente propõe que as atividades domésticas e dos bens comuns são economicamente irrelevantes. A última versão do Sistema de Contas Nacionais da ONU reconhece que a produção doméstica agrega valor econômico e que os processos naturais são necessários para a economia funcionar[1]. Entretanto, ele propõe que não podem ser tratados como produtivos a menos que que sejam regidos pelos direitos da propriedade privada e trocas monetárias. Em outras palavras, as famílias e os bens comuns produzem algo, mas esse algo não conta, pois ele não é produzido por um mercado. Além do mais, a produção familiar e ambiental não deve ser mensurada como parte das estatísticas econômicas porque fazer isso poderia "obscurecer o que está acontecendo nos mercados"[2]. Como resultado, a atividade doméstica e dos bens comuns não está incluída nas mensurações sistemáticas da atividade econômica. Dessa forma, o mercado é estabelecido como o objeto da política econômica.

Como a economista feminista Marilyn Waring (1988) documentou, as práticas do neoliberalismo que são corporificadas nos mercados de carbono e nas estruturas contábeis nacionais provêm das teorias econômicas. Adam Smith, frequentemente considerado como o pai fundador da moderna economia, descreveu o trabalho que entra no mercado e produz riqueza material e lucro como produtivo. Por contraste, ele descreveu o trabalho que sustenta a manutenção diária do lar como improdutiva (Mair; Druckman; Jackson, 2020; Smith, 1776). Smith também propôs que a terra não é produtiva; ao contrário, ele considerava as melhorias humanas à terra como o principal produtor de valor. Dessa forma, Smith ignorava que o mercado de trabalho requer o trabalho doméstico e o ambiente natural. Sem o meio-ambiente, não há mundo dentro do qual a atividade de mercado possa ter lugar; sem os aglomerados familiares não há trabalhadores para integrarem o mercado de trabalho.

---

[1] Ver: European Commission, International Monetary Fund, Organisation for Economic Co-operation and Development, UN, World Bank. System of national accounts 2008. New York, NY: UN Statistics Division, 2009.
[2] Idem.

A visão neoliberal do estado também vem da teoria econômica. Um dos principais teóricos do neoliberalismo, Friedreich Hayek, explicitou que os mercados devem ser criados e apoiados pelo estado. Em *O caminho da servidão,* Hayek escreveu que o papel que cabe ao estado é prover "organização adequada para certas instituições, como dinheiro, mercados e canais de comunicação", e criar "um sistema legal projetado tanto para preservar a concorrência e fazê-la operar tão beneficamente quanto possível" (Hayek, 1944). Dessa foma, a teoria econômica neoliberal aceita um papel legítimo, mas pequeno, para a ação estatal.

Ao tratarem o mercado como a única arena econômica verdadeira, as teorias e instituições do capitalismo neoliberal ignoram a atividade não-mercantil. A partir do estudo de Waring (1988), as economistas feministas e ecologistas têm argumentado que o ato de ignorar leva à sistemática desvalorização dos processos econômicos não-mercado (Dengler; Strunk, 2017). Esse argumento pode ser entendido pelo exame da forma pela qual o capitalismo conceitua valor (Pirgmaier, 2021).

O conceito de valor sob o capitalismo

O capitalismo aponta para os mercados como um método de provisionamento porque sua força motivadora central é a geração de valor monetário ou de troca. Diferentes métodos de produção são dominados por diferentes dinâmicas de valor. Os mercados são primeiramente dominados pela produção de valor de troca. Valor de troca é o que o valor monetário expressa: quantos bens ou serviços podem ser trocados uns pelos outros no mercado (Marx, 2013). A premissa do valor de troca é que dois bens tenham em comum uma forma de valor, que é necessária para os mercados operarem. As duas partes envolvidas na troca devem chegar a um acordo sobre uma medida de valor comum ou a troca não pode acontecer.

O capitalismo aponta para os mercados como um método de provisionamento porque sua força motivadora central é a geração de valor monetário ou de troca. Diferentes métodos de produção são dominados por diferentes dinâmicas de valor. Os mercados são primeiramente dominados pela produção de valor de troca. Valor de troca é o que o valor monetário expressa: quantos bens ou serviços podem ser trocados uns pelos outros no mercado. A premissa do valor de troca é que dois bens tenham em comum uma forma de valor, que é necessária para os mercados operarem. As duas partes envolvidas na troca devem chegar a um acordo sobre uma medida de valor comum ou a troca não pode acontecer.

Toda produção capitalista começa com dinheiro e produz bens e serviços como passo intermediário na produção de mais dinheiro. Esse processo foi explicitado na descrição feita por Marx da dinâmica central do capitalismo: D-

-M-D' (Pirgmaier, 2021; Marx, 2013). A lógica dos mercados capitalistas é tomar dinheiro (D) e usá-lo para produzir mercadorias (M). Essas mercadorias são então usadas para produzir mais dinheiro (D').

Esta dinâmica não implica que o dinheiro seja o objetivo final. Ao contrário, a busca por valor de troca pode ser entendida de duas maneiras (Polanyi, 1947). Primeiro, a acumulação de valor de troca representa poder em uma economia capitalista. O dinheiro não é neutro: sob o capitalismo, aqueles que têm dinheiro têm poder. Em segundo lugar, o dinheiro pode ser entendido como um meio de sobrevivência. Em uma economia capitalista, as pessoas sem dinheiro são em grande parte excluídas dos meios necessários para se viver uma vida decente. As pessoas podem resistir ao capitalismo e organizar métodos alternativos de provisionamento; ou fazer parte do capitalismo e buscar ter acesso ao valor de troca.

O resultado é que a dinâmica motivadora da maior parte da produção sob o capitalismo é a produção do valor de troca (Pirgmaier, 2021). Sob o capitalismo, as mercadorias têm quase sempre um outro valor (por exemplo, utilidade para um tarefa específica, beleza, ou prazer). Entretanto, esses valores são raramente a razão pela qual o produto é produzido. Na maioria dos casos, o valor não-monetário é produzido para realizar o valor monetário. Os conglomerados alimentícios produzem alimentos para serem vendidos; a publicidade é a arte que é produzida para nos vender esse alimento. Essa motivação leva a uma tentativa de comprimir todo o valor em métricas monetárias e cria barreiras à produção de valores e atividades que são resistentes a tal compressão (Dengler; Strunk, 2017).

Respostas à Covid-19 requerem priorização de algo além do valor de troca

A crise raramente é uma ameaça direta ao capitalismo neoliberal. Crises, como a de Covid-19, não ameaçam por si sós a dominância do valor de troca. Sem dúvida, crises, como a desigualdade de gênero, o desemprego, e a mudança climática, têm papeis fundamentais para o desenvolvimento e a manutenção do capitalismo (Federici, 2014; Mair; Druckman; Jackson, 2020; Kalecki, 2009; Malm, 2016). Ao contrário, as respostas às crises representam o desafio ao capitalismo.

O capitalismo é desafiado se, ao se responder à crise, outras coisas além do valor de mercado são priorizadas. No caso da Covid-19, a resposta é sobre a proteção da vida. O valor da vida pode ser conceituado de várias formas; mas é confuso e resiste a ser a ser reduzido a uma única métrica monetária. Consequentemente, quando a proteção da vida se torna uma prioridade social, a dominância dos mercados é desafiada. Ao dar prioridade à vida sobre o valor de troca, a Covid-19 é um desafio para as principais premissas do capitalismo neoliberal.

De modo notável, a ideia de que o valor de troca deve ser a principal forma de valor que é produzido pelas economias está sendo desafiada. Esse mito é dominante nas sociedades capitalistas neoliberais (Sandel, 2012; Fisher, 2009). As consequências desse mito é que os mercados são a melhor maneira de prover quase todos os bens e serviços. A lógica central é que as pessoas gastarão o dinheiro nas coisas que querem ou precisam, e que esse ato de dispender dinheiro determina o quanto elas valorizam uma coisa (Mankiw, 2009). Como um resultado, os mercados asseguram que a economia produza aquelas coisas que são valorizadas. A Covid-19 enfatiza que a realidade é mais complexa do que o mito reconhece.

Saúde e a capacidade produtiva da economia capitalista moderna

A economia capitalista global tem uma capacidade produtiva sem precedentes. Para capturar o valor de troca, os capitalistas devem primeiro assegurar que seja criado um excedente de valor. Eles devem produzir mais do que o que é necessário para pagar salários e manter a infraestrutura da produção (Marx, 2013). Portanto, os capitalistas são impelidos a investir em melhorias de produtividade (Wood, 2002).

Essas melhorias podem vir da reorganização do trabalho, investimentos em maquinaria que permitam aos trabalhadores utilizarem montantes crescentes de energia, ou introduzir inovações que aumentem a eficiência com que os trabalhadores usam energia e materiais (Smith, 1776; Malm, 2016; Wrigley, 2016). O efeito líquido desses investimentos é um sistema econômico que, para cada trabalhador, para cada tonelada de carvão, para cada rajada de vento, pode produzir muito mais do que poderia três séculos atrás. Mas como o capitalismo usa essa capacidade produtiva em relação à saúde?

Parte da capacidade produtiva do capitalismo é usada para criar as condições que melhorem e mantenham a saúde das pessoas. Steinberger e colegas estimaram que, desde 1970, aumentos em várias medidas da capacidade produtiva contribuíram para aumentar a expectativa de vida (Steinberger; Lamb; Sakai, 2020). Eles relataram que aproximadamente 50% de aumento na expectativa de vida pode ser atribuído ao crescimento do produto interno bruto medido em termos de paridade de capacidade de poder de compra, 60% em termos de eletrificação residencial, e 45% dos aumentos em suprimento de alimento (a interação dos três fatores significa que esses percentuais não somam 100%).

Apesar de o capitalismo ter uma enorme capacidade produtiva, muito dela é usado na produção que não beneficia a saúde, o que é mostrado pela possibilidade de alcançar resultados de saúde fundamentais com baixa capacidade produtiva. Por exemplo, Jackson (2017), enfatizou que a expectativa de vida ao nascer era

menor nos Estados Unidos do que em vários outros países com menor produto interno bruto per capita. Em 2018, a expectativa de vida ao nascer era 80•0 anos no Chile, 80•1 anos em Costa Rica, e 78•7 em Cuba, comparado com 78•5 nos Estados Unidos, apesar de Chile, Costa Rica e Cuba terem um produto interno bruto per capita muito menor do que os Estados Unidos[3]. Jackson (2017) argumentou que essa diferença na expectativa de vida deve-se a uma relação desigual entre a capacidade produtiva (por exemplo, produto interno bruto per capita) e os resultados em termos de saúde.

Apesar de aumentos na capacidade produtiva serem importantes até certo ponto, eles rapidamente diminuem quando o foco da produção se distancia da saúde.

Análises marxistas propõem que grande parte da capacidade produtiva do capitalismo mina ativamente a saúde. Um exemplo comum é a produção e o marketing agressivo de alimentos altamente processados e de alto teor calórico. A economia capitalista tem capacidade produtiva suficiente para acabar com a desnutrição mas, em busca do valor de troca, produz obesidade (Benach et al., 2019; Sell, 2020; Nunes, 2020).

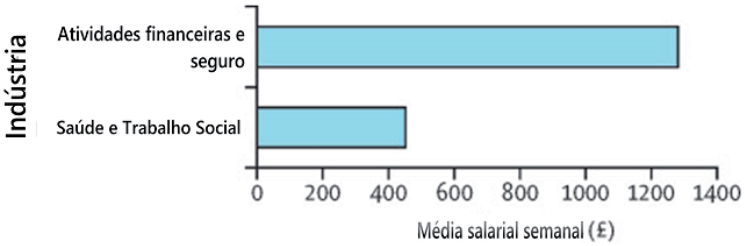

Figura 2: Média anual dos salários semanais no Reino Unido nas atividades financeiras e de seguro e no setor de saúde e trabalho social

Rendimento médio semanal por trabalhador de março de 2019 a fevereiro de 2020, para os setores de saúde e trabalho social e de atividades financeiras e seguro no Reino Unido. Ganhos médios semanais, conforme definido pelo Office for National Statistics (Escritório de Estatísticas Nacinais), é a proporção do pagamento semanal total estimado para um setor dividida pelo número total de funcionários neste setor[4]. Indústrias foram definidas pela Norma de 2007 Classificação Setorial[5]. Os dados são do ONS[6].

---

[3] Consultar: World Bank. World development indicators. Disponível em: <https://databank.worldbank.org/source/world-development-indicators#>. Acesso em 08 jul. 2020.
[4] Ver UK Office for National Statistics. Average weekly earnings QMI. 25 out. 2017. Disponível em: <https://www.ons.gov.uk/employmentandlabourmarket/ peopleinwork/earningsandworkinghours/ methodologies/ averageweeklyearningsqmi>. Acesso em 10 nov. 2020.
[5] Idem.
[6] Consultar Office for National Statistics. EARN03: average weekly earnings by industry. Disponível em: <https://www.ons.gov.uk/employmentandlabourmarket/peopleinwork/earningsandworkinghours/ datasets/averageweeklyearningsbyindustryearn03>. Acesso em 05 jan. 2020.

A questão de como o foco do capitalismo em no valor de troca modelou respostas à pandemia pode ser compreendida em termos de como a capacidade produtiva é usada. Por um lado, esse foco deu a capacidade de aumentar rapidamente o número de leitos hospitalares mas, por outro lado, ele também prejudicou a habilidade de ter esses leitos prontos antes da pandemia. Somente quando a pandemia eclodiu os países expandiram a sua capacidade de deslocar a realocação da produção para a saúde. O capitalismo também reduziu o acesso ao sistema de saúde em vários países antes de pandemia (Navarro, 1993). Muitos países expandiram seus sistemas de saúde devolvendo temporariamente o sistema de saúde privado ao sistema público. Que esses recursos não estivessem disponíveis para todos antes da pandemia reflete que, sob o capitalismo, o sistema de saúde é pressionado para produzir valor de troca. Como resultado, alguns serviços estão somente disponíveis para quem possa pagar por eles (Navarro, 2020).

Finalmente, o afã do capitalismo em produzir valor de troca fez com que nações hesitassem em decretar políticas que mitigassem a necessidade de leitos hospitalares extra. O confinamento tem sido imposto hesitantemente por muitos governos, precisamente por causa de seu efeito na habilidade de produzir valor de troca. Essa hesitação foi vividamente demonstrada pelo tweet do presidente dos Estados Unidos Donald Trump, "NÓS NÃO PODEMOS DEIXAR QUE A CURA SEJA PIOR DO QUE O PROBLEMA EM SI"[7], e pela declaração do presidente brasileiro Jair Bolsonaro, "Nossas vidas têm que continuar. Empregos precisam ser mantidos… Nós devemos, sim, voltar ao normal" (BBC, 2020). Essas posições encontram suporte na teoria econômica neoliberal. Um artigo publicado na *National Institute Economic Review* aplicou o valor monetário à vida humana e usou isso para concluir que o confinamento teve um custo muito alto (Miles; Stedman; Heald, 2020).

O valor da mão de obra sob o capitalismo neoliberal

Não é somente a saúde que sofre com as tentativas de comprimir todo o valor em valor de troca: existe uma dinâmica similar dentro do mercado de trabalho. Muitos dos empregos mais bem remunerados nas sociedades capitalistas neoliberais existem somente para facilitar as trocas; para fazer dinheiro. Esses empregos não servem a um propósito mais amplo à sociedade: estes são o que o antropólogo David Graeber (2018) chamou de "empregos de merda". Empregos em serviços cruciais não tendem a ser os mais altamente valorizados nos termos do mercado de trabalho, o que pode ser demostrado por exemplos no sistema de saúde.

[7] Ver: @realDonaldTrump. 23 mar. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/ realDonaldTrump/ status/1241935285916782593>. Acesso em 28 mar. 2020.

Os trabalhadores da saúde tendem a ser menos bem pagos que os funcionários da indústria financeira. Nos setores de cuidados com a saúde e de serviços sociais do Reino Unido, os salários semanais são de £454 por empregado, enquanto os salários nas atividades financeiras e de seguros são 2•8 vezes mais altos, de £1282 por funcionário por semana (Figura 2). No setor de saúde dos Estados Unidos, os salários semanais são de US$1028, enquanto os salários nas atividades financeiras são 1•3 vezes mais altas, de $1358 por trabalhador por semana (Figura 3). Essas diferenças não demonizam necessariamente o setor financeiro nem fazem dos trabalhadores do sistema de saúde e dos serviços sociais mártires, mas levanta a questão de como esses salários são determinados.

O arcabouço ecofeminista marxista sugere que parte da razão desses salários serem mais altos no setor financeiro é que o valor produzido pelos trabalhadores deste setor assume mais facilmente a forma de valor de troca do que o valor produzido nos setores de saúde e de serviços sociais. As relações entre valores de troca não são inteiramente a razão para as diferenças salariais. Salários são determinados por outros fatores, inclusive o nível de organização e o poder de barganha de diferentes grupos. É visível uma substancial variação entre salários dentro de cada setor. Porém, salários altos nos setores financeiros em relação ao de saúde fazem sentido nessa perspectiva de mercado. Essa diferença de salários é mercados fazendo o que os mercados fazem: recompensar a produção de valor de troca.

A comparação entre Reino Unido e Estados Unidos nos mostra que, sob o capitalismo, um método de produção pode se tornar mais valorizado em termos de troca sem produzir nada mais das outras formas de valor. Apesar de o pagamento diferencial entre os setores financeiro e de saúde ser observável em ambos os casos, é menor nos Estados Unidos do que no Reino Unido (ou seja, 1•3 vezes menor comparado com 2•8 vezes menor). Uma forma de explicar essa diferença é que o sistema de saúde dos Estados Unidos é mais mercantilizado do que o sistema de saúde do Reino Unido (Navarro, 1993). Consequentemente, a saúde é fornecida de uma forma que é mais próxima do valor de troca e os trabalhadores da saúde são mais capazes de capturar o valor de troca nos Estados Unidos do que no Reino Unido. Sem dúvida, dado o poder de barganha mais fraco dos trabalhadores nos Estados Unidos em relação aos trabalhadores no Reino Unido (em função da ausência histórica de representação política no movimento dos trabalhadores nos Estados Unidos em relação aos trabalhadores no Reino Unido), essa explicação parece ser convincente (Navarro, 1993). Entretanto, o sistema de saúde nos Estados Unidos não parece proporcionar mais saúde do que o sistema do Reino Unido. Os Estados Unidos têm uma expectativa média de vida menor do que o Reino Unido (ou seja, 78•5 anos vs 81•5 anos em 2018) e não oferece a assistência de saúde tão ampla como no Reino Unido (World Bank, 2020; Navarro, 1993). As análises do desenvolvimento do sistema de saúde nos Estados Unidos mostram como a orientação para o mercado moldou o fornecimento de

assistência à saúde, afastando-a da cobertura universal e aumentando os custos monetários sem a melhoria dos resultados em saúde (Navarro, 1993; 2020).

Aqui, a trilha conecta a "empregos de merda" (Graeber, 2018) e sistemas de saúde com poucos recursos. As sociedades capitalistas neoliberais não têm trabalhadores de saúde suficientes ou um sistema de saúde suficientemente robusto para responder à Covid-19 pela mesma razão. Apesar de ter uma capacidade produtiva sem precedentes, perseguir o valor de troca tem empurrado recursos e pessoas para longe dos trabalho de cuidado e de saúde e para perto de trabalhos que geraram mais valor de troca e menos valor em saúde. A questão normativa é: o valor de troca deve ser priorizado sobre outras formas de valor ou as coisas podem ser arranjadas diferentemente?

Construindo algo novo

Eu tenho argumentado que o excessivo foco no valor de troca do capitalismo tem criado barreiras para a resposta efetiva à COVID-19. Nomeadamente, por causa do foco no valor de troca, recursos e trabalho fluem para longe de outras formas de valor em direção à troca.

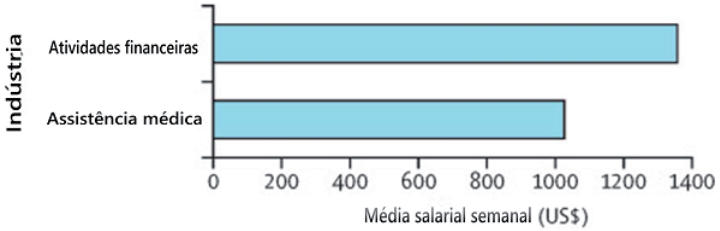

Figura 3: Média anual dos salários semanais nos Estados Unidos nos setores de atividades financeiras e de serviços de saúde

Rendimento médio semanal por trabalhador de março de 2019 a feveeiro de 2020, para os setores de saúde e atividades financeiras nos EUA. A média semanal de rendimentos, conforme definida pelo Bureau of Labour Statistics (Escritório Nacional de Estatísticas), é a proporção de pagamento semanal total para um setor dividida pelo número total de funcionarios deste setor[8]. Setores foram definidos pelos Sistema de Classificação de 2017[9]. Os dados são do Bureau of Labor Statistics[10] [11].

---

[8] A este respeito, consultar US Bureau of Labor Statistics. Employment, hours, and earnings from the establishment survey. Disponível em: <https://www.bls.gov/opub/hom/ pdf/ces-20110307.pdf>. Acesso em 10 nov. 2020.

[9] Idem.

[10] Consultar US Bureau of Labor Statistics. Average weekly earnings of all employees, financial activities, seasonally adjusted. Disponível em: <https://beta.bls. gov/dataViewer/view/timeseries/CES5500000011>. Acesso em 08 abr. 2020.

[11] Ver US Bureau of Labor Statistics. Average weekly earnings of all employees, health care, seasonally adjusted. Disponível em: <https://beta.bls.gov/ dataViewer/view/timeseries/CES6562000111>. Acesso em 08 abr. 2020.

Comentaristas têm argumentado que a pandemia está criando uma lacuna na qual novas ideias econômicas poderiam ser estabelecidas (Davies, 2020; Stanley Robinson, 2020). Como forma de conclusão, eu quero olhar para o futuro.

Respostas ao uso na Covid-19 de métodos de provisionamento não mercadológicos

Algumas das respostas da respostas à pandemia de Covid-19 explicitamente desafiam a dominância dos mercados e do valor de troca: por exemplo, no setor de saúde. Por muitas décadas, o sistema de saúde tem sido caracterizado pela mercantilização e pela privatização como parte de uma retração geral do estado (Moffatt; Martin; Timmons, 2014; Lobao; Gray; Cox; Kitson, 2018). Entretanto, o sistema de monitoramento da resposta à Covid-19 relata várias iniciativas que expandem o fornecimento de serviços de saúde pelo estado. A Estônia está usando instalações privadas de teste para expandir a capacidade de testagem e disponibilizar os testes gratuitamente (Thomson; Habicht; Evetovits, 2020). A Irlanda retirou a cobrança aos usuários de consultas de cuidado primário remotas para pessoas que podem ter Covid-19 e tem feito as instalações de hospitais privados disponíveis para toda a população (Thomson; Habicht; Evetovits, 2020a; Thomson; Habicht; Evetovits, 2020b). A Espanha colocou à disposição do Estado todos os leitos hospitalares privados em unidades de cuidado intensivo (Delgado; Peuyo; Romero, 2020). As evidências também sugerem que o início de uma reabertura dos debates em torno do custo versus o valor de cuidados com a saúde. Muitos países estão expandindo o financiamento público para o sistema de saúde. A Grécia está excluindo os gastos com o sistema de saúde de suas metas de déficits orçamentários, com a Espanha considerando fazer o mesmo (Thomson; Habicht; Evetovits, 2020c). O governo do Reino Unido baixou £13•4 de dívidas de seu Serviço Nacional de Saúde (UK Government, 2020). Mudanças emergentes similares estão ocorrendo na valorização de outras áreas da economia.

Os lockdowns da Covid-19 são políticas-chave que priorizam a saúde sobre o valor de troca. Um dos elementos-chave dos lockdowns é o fechamento de ambientes de trabalho. Começando por Wuhan, China, em meados de janeiro de 2020, tais medidas se espalharam amplamente para controlar a transmissão do vírus. O Rastreador Oxford de Respostas Governamentais à Covid-19 estima que, por volta de 19 de abril de 2020, 165 países tinham algum nível de fechamento de locais de trabalho (Hale; Webster; Petherick; Phillips; Kira, 2020). Desses, 101 países adotaram legalmente obrigatório de locais de trabalho ou de trabalho remoto domiciliar, com a permissão de abertura de um pequeno número de serviços essenciais. Essas medidas poderiam ter ido além. Houve disputas sobre a definição dos serviços essenciais: por exemplo, a decisão do governo italiano

de classificar trabalhadores na siderurgia como essenciais levou a ações grevistas espontâneas (Tamma, 2020). Governos estão sob pressão para acabar com os lockdowns para preservar o funcionamento dos mercados (Miles; Stedman; Heald, 2020). No entanto, é notável que os lockdowns foram implementados, apesar de ser esperado que tenham substanciais consequências para os mercados.

Os lockdowns são também um desafio para a lógica central dos mercados de trabalho. O Rastreador de Políticas de Resposta ao Coronavírus da Organização para a Cooperação para o Desenvolvimento Econômico (OCDE) reporta de que Australia, Canada, Dinamarca, Reino Unido, Irlanda, Lituânia, Nova Zelândia, Polônia, Eslovênia, Suécia, e África do Sul todas forneceram auxílio financeiro de suporte à renda durante os fechamento de locais de trabalho relacionadas à Covid-19[12]. Esses pagamentos não são anti-capitalistas na prática. Eles são administrados via os empregadores e, em alguns casos (por exemplo, no Reino Unido), o montante dos pagamentos é determinado com base no valor de troca que o trabalhador previamente capturava do mercado, ao invés da utilidade de seu trabalho, ou simplesmente porque eles merecessem viver. Então, é importante não exagerar o efeito desses pagamentos no curto prazo. Sua implementação reforça as relações salariais capitalistas. Apesar disso, houve uma mudança importante do princípio de que as pessoas têm de trabalhar para ganhar seus salários e um movimento na direção da ideia de que as pessoas merecem ser capazes de viver, mesmo que elas não possam trabalhar.

Da mesma forma, a sociedade está vendo um crescimento nas formas econômicas não-estatais e não-mercadológicas. Grupos de ajuda mútua não hierárquicos que são liderados pela comunidade cresceram rapidamente em resposta à pandemia e têm sido instrumentais no fornecimento de medicamentos e alimentos para grupos vulneráveis (Acuto, 2020; Bennett, 2020). Dessa forma, eles têm preenchido uma lacuna que os mercados (que priorizam pessoas com dinheiro aos invés das que necessitam) têm tido problemas para preencher. Esses grupos estão sem dúvida realizando trabalho econômico ao produzir e distribuir bens e serviços, e eles estão fazendo esse trabalho externamente ao mercado.

As respostas à Covid-19 que são resumidas aqui representam uma reafirmação das formas de valor não-mercado. Uma reestruturação total da economia global não está ocorrendo. Ainda assim, pequenas concessões à produção não--mercado revertem as tendências dominantes dos últimos 40 anos. Há aqui um desafio ao sistema de valores dominantes do capitalismo neoliberal; mas esta

[12] Ver: Organisation for Economic Co-operation and Development. OECD coronavirus policy response tracker. Disponível em: <https://www.oecd.org/ coronavirus/country-policy-tracker>. Acesso em 05 mai. 2020.

reafirmação, subdesenvolvida como ela é, não tem sido feita sem custo e não será aceita facilmente.

Princípios para uma economia mais resiliente

Um princípio chave para a construção de uma sociedade que possa proporcionar saúde planetário é que ela deva ser capaz de apoiar várias formas de valor. Apoiar nesse contexto significa tanto uma mudança cultural que legitime o trabalho e o valor além do mercado quanto o apoio material para fazer essa mudança possível. Esses são os objetivos do que Oni chamou de redirecionamento de propósitos de blocos fundamentais para a construção da sociedade para a saúde planetária (Oni, 2020).

A reorganização da sociedade requer uma reorientação da teoria. Marilyn Waring (1988) foi clara ao afirmar que as instituições e práticas que criam e reforçam o capitalismo neoliberal não emergiram totalmente de um vazio. Ao invés disso, elas foram apoiadas e construídas sobre um corpo de teoria econômica, que construiu uma visão particular de mundo. Raworth (2017) apresentou um argumento semelhante: gerações de economistas foram ensinadas que a economia começa e termina com o mercado. Esses estudantes levam essas ideias para o mundo com eles. Os economistas neoliberais já estão avançando com teorias que justificam uma ausência de ação para proteger a saúde (Miles; Stedman; Heald, 2020). Então, um passo essencial é desafiar a dominância dessas ideias (Alves; Kvangraven, 2020).

Mas só a teoria não basta. Os leitores e leitoras devem tomar medidas para garantir que as alternativas à teoria neoliberal sejam incorporadas às instituições, desde escolas locais até sistemas de contabilidade internacionais. Somente dessa forma a sociedade pode assegurar o suporte material para produzir valor não-mercado.

Um ponto de partida útil é a transformação das condições materiais de trabalho. As propostas incluem reduções na jornada semanal de trabalho e a contestação do trabalho para além das ideias de produtividade que são dominadas pelo mercado (Jackson; Victor, 2011; Hayden, 1999; Schor, 2015). A pré-condição material para essa transformação do trabalho é que as pessoas sejam libertadas da compulsão de tomar parte na atividade de mercado (Mair; Druckman; Jackson, 2020). Essa liberdade requer reduzir a dependência que as pessoas têm de um salário para viver.

Várias propostas existentes visam dar apoio material às pessoas e organizações que tentam escapar dos mercados. Nesta direção, a feminista marxista Kathi Weeks (2011) argumentou por uma renda básica universal. Ela chamou esta renda básica universal de uma demanda utópica: algo possível no aqui e agora

mas que quebrará o sistema capitalistas, permitindo que as pessoas optam por deixá-lo. Além disso, há um grande conjunto de trabalhos que miram a prestação universal de serviços básicos. Este conceito implica cuidar, alimentar, abrigar, fornecer internet conjuntamente fora do mercado e provê-los de outras formas (Coote; Kasliwal; Percy, 2019). Em ambos os casos, o argumento é que, uma vez que as pessoas deixem de ter de se preocupar em satisfazer suas necessidades participando do mercado, elas estejam livres para inovar e criar novas formas econômicas sem vinculos com a produção de valor de troca (Mair; Druckman; Jackson, 2020).

Finalmente, as leitoras e leitores e potenciais ativistas pela mudança devem estar conscientes de que tentar criar mudanças culturais e institucionais detalhadas aqui provocará uma confrontação com o poder. Capitalismo não cria somente perdedores mas vencedores também.

Para alguns escritores e escritoras, o conflito poderá ser superado mais pela tomada de uma ação direta em um nível comunitário do que objetivando políticas no nível governamental, como as de renda básica universal ou serviços básicos universais. Silvia Federici (2011) e George Caffentzis e Silvia Federici (2014) têm escrito extensivamente sobre as formas que as instituições capitalistas neoliberais estão trabalhando para mercantilizar os bens comuns, tanto em termos dos velhos comuns quanto os novos comuns digitais (Federici, 2011; Caffentzis; Federici, 2014).

Para Federici, a resposta deveria ser retomar os bens comuns diretamente e sem engajamento com as instituições do capitalismo neoliberal (Federici, 2011). Uma visão alternativa é construir um eleitorado que seja suficientemente grande para enfrentar as instituições do capitalismo. Fraser (2019) argumentou que a construção de deste eleitorado exige a união de vários e distintos movimentos por justiça social voltados para uma exigência por igualdade econômica radical; que os movimentos sociais têm feito progresso em seus objetivos individuais separando-os de seus contextos econômicos; e que há poder e potencial nos movimentos que articulam a conexão entre os modos pelos quais os diferentes grupos são divididos social e economicamente. Focar na questão do que as economias produzem, e para quem elas produzem, cria um espaço no qual as conexões entre os movimentos podem ser construídas.

Conclusão

Nesta Visão Pessoal, defendo uma concepção da realidade econômica com base nos princípios da economia marxista, ecológica e feminista. Segundo essa visão, a economia é um sistema de provisionamento que existe dentro de uma sociedade e de um ambiente natural mais amplos e pode tomar várias formas.

Atualmente, o mundo vive com o capitalismo neoliberal, que é caracterizado por um sistema de hierárquico de provisionamento no topo do qual está o mercado. Essa hierarquia leva o capitalismo neoliberal a definir valores em termos de trocas e a ignorar outras formas de valor.

Como o capitalismo neoliberal ignora outras formas de valor, ele é desafiado por respostas à Covid-19. Uma resposta efetiva à atual pandemia exige que as economias priorizem formas de valor não baseadas em trocas: vida e saúde. O capitalismo neoliberal cria barreiras para essa priorização, como mostrado pela modo como conceitua e oferece serviços de saúde e recompensas pelo trabalho. Em ambos os casos, recursos e mão-de-obra são empurrados para a produção de valor de troca, deixando menos recursos disponíveis para produzir outras formas de valor, incluindo saúde.

Respostas efetivas à Covid-19 têm desafiado a dominância do mercado. Esse desafio tem vindo da expansão de provisões não-mercantis, seja pelo estado ou por grupos de ajuda mútua. O trabalho acadêmico teórico e a ação política de base devem se apoiar no desafio à dominância do mercado, caso a sociedade queira se transformar e a saúde planetária se concretizar[13].

Referências

ACUTO, M. COVID-19: lessons for an urban(izing) world. *One Earth,* n. 2, p. 317-319, 2020.

ALVES, C.; KVANGRAVEN, I. Changing the narrative: economics after Covid-19. *Rev Agrar Stud,* n. 10, p. 147–63, 2020.

ALVES, C.; SIAL F. COVID-19: how the UK's economic model contributes towards a mismanagement of the crisis. 30 mar. 2020. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/politicsandpolicy/covid-19- and-economic-models>. Acesso em 05 jul. 2020.

BBC. Coronavirus: Bolsonaro downplays threat of pandemic to Brazil. 25 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/news/world-latin-america-52040205>. Acesso em 28 mar. 2020.

[13] Agradecimentos: Gostaria de reconhecer meu privilégio de poder escrever e pesquisar nesse período. Muitas pessoas, principalmente mulheres, estão menos aptas a trabalhar durante as crises devido a uma injusta e desigual distribuição do trabalho do cuidado. Esse artigo se beneficiou de várias discussões. Agradeço a Lina Brand-Correa, Milena Buchs, Christine Corlet Walker, Philip Connolly, Rosalind M Eggo, Ben Gallant, Linda Gessner, Andrew Jackson, Tim Jackson, Josephine Lethbridge, Amanda Minter, Beth Stratford, e Angela Druckman. Esse trabalho recebeu o apoio do Economic and Social Research Council financiado pelo *Centre for the Understanding of Sustainable Prosperity* (ES/M010163/1). O financiador do estudo não teve qualquer papel na concepção do estudo, na coleta de dados, na análise de dados, na interpretação de dados ou na escrita do relatório.

BENACH, J.; PERICÀS, J.; MARTÍNEZ-HERRERA, E.; BOLÍBAR, M. Public health and inequities under capitalism: systemic effects and human rights. In: VALLVERDU, J.; PUYOL, A.; ESTANY, A. (eds). *Philosophical and methodological debates in public health.* Cham: Springer, 2019. p. 163-180.

BENNETT, A. Mutual aid is an old idea whose time has come. 21 abr. 2020. Disponível em: <https://www.churchtimes.co.uk/articles/2020/24-april/comment/opinion/mutual-aid-is-an-old-idea-whose-time-has-come>. Acesso em 25 abr. 2020.

BRAND-CORREA, L.; STEINBERGER, J. A framework for decoupling human need satisfaction from energy use. *Ecol Econ,* n. 141, p. 43-52, 2017.

CAFFENTZIS, G.; FEDERICI, S. Commons against and beyond capitalism. *Community Dev J,* n. **49** (supl 1), p. 92-105, 2014.

COLLYER, F.; WHITE, K. The privatisation of Medicare and the National Health Service, and the global marketisation of healthcare systems. *Health Sociol Ver,* n. 20, p. 238-244, 2011.

COOTE, A.; KASLIWAL, P.; PERCY, A. Universal basic services: theory and practice. 16 mai. 2019. Disponível em: <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/ 10080177/1/ubs_report_online.pdf>. Acesso em 04 jul. 2020.

DALY, H. Steady-state economics: a new paradigm. *New Lit Hist,* n. 24, p. 811-816, 1993.

DAVIES, W. The last global crisis didn't change the world. But this one could. 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/mar/24/coronavirus-crisis-change-world-financial-global--capitalism>. Acesso 30 abr. 2020.

DELGADO, EB; PEUYO, EA; ROMERO, FE. Spain country profile. Disponível em: <https://www.covid19healthsystem.org/countries/spain/countrypage.aspx>. Acesso 05 jun. 2020.

DENGLER, C.; STRUNK, B. The monetized economy versus care and the environment: degrowth perspectives on reconciling an antagonism. *Fem Econ,* n. 24, p. 160-183, 2017.

FEDERICI, S. *Caliban and the witch*: women, the body and primitive accumulation. 2a ed. Brooklyn, NY: Autonomedia, 2014.

FEDERICI, S. Women, land struggles, and the reconstruction. *Working USA* n. 14, p. 41-56, 2011.

FISHER, M. *Capitalist realism: is there no alternative?* Winchester: Zero Books, 2009.

FOUSKAS, V.; GOKAY, B. COVID-19 and the bankruptcy of neoliberalism in the context of global shift. 05 mai. 2020. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/can-europe-make-it/covid-19-and-bankruptcy--neoliberalism-context-global-shift>. Acesso em 06 mai. 2020.

FRASER, N. *The old is dying and the new cannot be born*. London: Verso Books, 2019.

GEORGESCU-ROEGEN, N. *The entropy law and the economic process*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1971.

GILL, S.; BENATAR, S. Reflections on the political economy of planetary health. *Rev Int Polit Econ,* n. 27, p. 167-190, 2020.

GOUGH, I. In times of climate breakdown, how do we value what matters? 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/oureconomy/times-climate-breakdown-how-do-we-value-what-matters>. Acesso em 30 abr. 2020.

GRAEBER, D. *Bullshit jobs*: a theory. New York, NY: Simon and Schuster, 2018.

HALE, T.; WEBSTER, S.; PETHERICK, A.; PHILLIPS, T.; KIRA, B. Oxford COVID-19 Government Response Tracker. Disponível em: <https://github.com/OxCGRT/covid-policy-tracker/raw/master/data/OxCGRT_latest.csv>. Acesso em 08 mai. 2020.

HAYDEN, A. *Sharing the work, sparing the planet*: work time, consumption, & ecology. New York, NY: Zed Books, 1999.

HAYEK, F. *The road to serfdom*. Abingdon-on-Thames: Routledge, 1944.

HORTON, R.; BEAGLEHOLE, R.; BONITA, R.; RAEBURN, J.; MCKEE, M.; WALL, S. From public to planetary health: a manifesto. *Lancet,* n. 383, p. 847, 2014.

HORTON, R. Offline: A global health crisis? No, something far worse. *Lancet,* n. 395, p.1410, 2020.

JACKSON, T.; VICTOR, P. Productivity and work in the 'green economy': some theoretical reflections and empirical tests. *Environ Innov Soc Transit,* n. 1, p. 101-108, 2011.

JACKSON, T. *Prosperity without growth*: foundations for the economy of tomorrow, 2a. ed. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2017.

KALECKI, M. *Theory of economic dynamics*: an essay on cyclical and long-run changes in capitalist economy. New York, NY: Monthly Review Press, 2009.

LASKARIDIS, CC. Debt moratoria in the Global South in the age of coronavirus. 04 abr. 2020. Disponível em: <https://developingeconomics.org/

2020/04/04/debt-moratoria-in-the-global-south-in-the-age-of-coronavirus>. Acesso em 30 abr. 2020.

LINDSAY, G.; RODGERS, T. Market orientation in the UK higher education sector: the influence of the education reform process 1979-1993. *Qual High Educ,* n. 4, p. 159-171, 1998.

LOBAO, L.; GRAY, M.; COX, K.; KITSON, M. The shrinking state? Understanding the assault on the public sector. *Camb J Regions Econ Soc,* n. 11, p. 389-408, 2018.

MAIR, S.; DRUCKMAN, A.; JACKSON, T. A tale of two utopias: work in a post-growth world. *Ecol Econ,* n. 173, p. 106653, 2020.

MAIR, S. What will the world be like after coronavirus? Four possible futures. 30 mar. 2020. 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/what--will-the-world-be-like-after-coronavirus-four-possible-futures-134085>. Acesso em 30 mar. 2020.

MALM, A. *Fossil capital*: the rise of steam power and the roots of global warming. London: Verso Books, 2016.

MANKIW, N. *Principles of microeconomics*. Boston, MA: Cengage Learning, 2009.

MARX, K. *Capital*: a critical analysis of capitalist production. Ware: Wordsworth Editions, 2013.

MILES, D.; STEDMAN, M.; HEALD, A. Living with COVID-19: balancing costs against benefits in the face of the virus. *Natl Inst Econ Rev,* n. 253, p. R60-76, 2020.

MOFFATT, F.; MARTIN, P.; TIMMONS, S. Constructing notions of healthcare productivity: the call for a new professionalism? *Sociol Health Illn,* n. 36, p. 686–702, 2014.

NAIDOO, K. How COVID-19 reveals the paradoxes of neoliberal logic. 04 jul. 2020. Disponível em: <https://africasacountry.com/2020/04/how-covid-19-reveals-the-paradoxes-of-neoliberal-logic>. Acesso em 30 abr. 2020.

NAVARRO, V. The consequences of neoliberalism in the current pandemic. *Int J Health Serv,* n. 50: p. 271-275, 2020.

_____. *Dangerous to your health*: capitalism in healthcare. New York, NY: Monthly Review Press, 1993.

NUNES, J. The everyday political economy of health: community health workers and the response to the 2015 Zika outbreak in Brazil. *Rev Int Polit Econ,* n. 27, p. 146-166, 2020.

ONI, T. COVID-19 is showing us the link between human and planetary health. 22 abr. 2020. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2020/04/on-earth-day-heres-what-covid-19-can-teach-us-about-improving-our-planetary-health>. Acesso em 30 abr. 2020.

PIRGMAIER, E. The value of value theory for ecological economics. *Ecol Econ,* n. 179, p. 106790, 2021.

POLANYI, K. On belief in economic determinism. *Sociol Ver,* n. 39, p. 1, 1947.

POWER, M. Social provisioning as a starting point for feminist economics. *Fem Econ,* n. 10, p. 3-19, 2004.

RAWORTH, K. *Doughnut economics*: seven ways to think like a 21st-century economist. White River Junction, VT: Chelsea Green Publishing, 2017.

SANDEL, M. *What money can't buy*: the moral limits of markets. London: Penguin Books UK, 2012.

SAUNDERS, C.; DALZIEL, P. Twenty-five years of counting for nothing: Waring's critique of national accounts. *Fem Econ,* n. 23, p. 200-218, 2017.

SCHOR, JB. Work sharing. In: D'ALISA, G.; DEMARIA, F.; KALLIS, G. (eds). *Degrowth*: a vocabulary for a new era. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2015, p. 229-231.

SELL, S.; WILLIAMS, O. Health under capitalism: a global political economy of structural pathogenesis. *Rev Int Polit Econ,* n. 27, p. 1-25, 2020.

SMITH, A. An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations. London: W Strahan and T Cadell, 1776.

STANLEY ROBINSON, K. The coronavirus is rewriting our imaginations. 01 mai. 2020. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/annals-of--inquiry/the-coronavirus-and-our-future>. Acesso em 05 mai. 2020.

STEINBERGER, J.; LAMB, W.; SAKAI, M. Your money or your life? The carbon-development paradox. *Environ Res Lett,* n. 15, p. 044016, 2020.

STEINBERGER, J. Pandenomics: a story of life versus growth. 08 abr. 2020. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/oureconomy/pandenomics-story-life-versus-growth/?fbclid=IwAR29bwfi0Y4BDFeMJ9--AsVNlg5QTvSrvl_CqBp3qrR60Q3yLf-mBhyPWfcE>. Acesso em 30 abr. 2020.

STUART, D.; GUNDERSON, R.; PETERSEN, B. Climate change and the Polanyian counter-movement: carbon markets or degrowth? *New Polit Econ,* n. 24, p. 89-102, 2019.

TAMMA, P. Coronavirus sparks nationwide strikes in Italy. 13 mar. 2020. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/coronavirus-sparks-nationwide--strikes-in-italy>. Acesso em 08 set. 2020.

THOMSON, S.; HABICHT, T.; EVETOVITS, T. How are countries mobilizing additional public funds for health? 27 abr. 2020a. Disponível em: <https:// analysis. covid19healthsystem.org/index.php/2020/04/27/how-are-countries-mobilizing-additional-public-funds-for-health>. Acesso em 06 mai. 2020.

_____. How are countries removing financial barriers to accessing health services in the context of COVID-19? 27 abr. 2020b. https://analysis.covid19healthsystem. org/index.php/2020/04/27/how-are-countries-removing--financial-barriers-to-accessing-health-services-in-the-context-of-covid-19>. Acesso em 05 jun. 2020.

_____. What are countries doing to give providers flexibility to respond to the COVID-19 outbreak? 27 abr. 2020c. Disponível em: <https://analysis.covid19healthsystem.org/index. php/2020/04/27/what-are-countries--doing-to-give-providers-flexibility-to-respond-to-the-covid-19-outbreak>. Acesso em 05 jun. 2020.

UK GOVERNMENT. NHS to benefit from £13•4 billion debt write-off. 02 abr. 2020. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/news/nhs-to--benefit-from-13-4-billion-debt-write->. Acesso em 05 jul. 2020.

UK NATIONAL AUDIT OFFICE. The higher education market. 08 dez. 2017. Disponível em: <https://www.nao.org.uk/wp-content/uploads/2017/12/ The-higher-education-market.pdf>. Acesso em 08 jan. 2020.

UK OFFICE FOR NATIONAL STATISTICS. Average weekly earnings QMI. 25 out. 2017. Disponível em: <https://www.ons.gov.uk/employmentandlabourmarket/ peopleinwork/earningsandworkinghours/methodologies/ averageweeklyearningsqmi>. Acesso em 10 nov. 2020.

US BUREAU OF LABOR STATISTICS. Average weekly earnings of all employees, financial activities, seasonally adjusted. Disponível em: <https:// beta.bls. gov/dataViewer/view/timeseries/CES5500000011>. Acesso em 08 abr. 2020.

_____. Average weekly earnings of all employees, health care, seasonally adjusted. Disponível em: <https://beta.bls.gov/ dataViewer/view/timeseries/CES6562000111>. Acesso em 08 abr. 2020.

US BUREAU OF LABOR STATISTICS. Employment, hours, and earnings from the establishment survey. Disponível em: <https://www.bls.gov/opub/ hom/ pdf/ces-20110307.pdf>. Acesso em 10 nov. 2020.

WARING, M. *If women counted*: a new feminist economics. New York, NY: Harper & Row, 1988.

WEEKS, K. *The problem with work*: feminism, Marxism, antiwork politics, and postwork imaginaries. Durham, NC: Duke University Press, 2011.

WOOD, EM. *The origin of capitalism*: a longer view. London: Verso Books, 2002.

WORLD BANK. World development indicators. Disponível em: <https://databank. worldbank.org/source/world-development-indicators#>. Acesso em 08 jul. 2020.

WRIGLEY, E. *The path to sustained growth*: England's transition from an organic economy to an industrial revolution. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.